

PSICOLOGIA DO CANDOMBLÉ DE ANGOLA: A TERAPÊUTICA DAS FOLHAS NOS CUIDADOS EM SAÚDE MENTAL

RODRIGO MACIEL RAMOS

PSICOLOGIA DO CANDOMBLÉ DE ANGOLA: A TERAPÊUTICA DAS FOLHAS NOS CUIDADOS EM SAÚDE MENTAL

PSYCHOLOGY OF ANGOLA'S CANDOMBLÉ: THE THERAPEUTICS OF THE LEAVES IN MENTAL HEALTH CARE

RODRIGO MACIEL RAMOS¹

Magorodrigo2@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9770-5901>

Resumo

Desde o processo de colonização, no decorrer do século 20, os modos de cuidados em saúde mental provenientes das culturas ocidentais se tornam hegemônicos no Brasil. Tal processo foi impulsionado pelo racismo estrutural presente nas políticas de embranquecimento e pela propagação de uma monoepisteme pelas universidades, e direcionou-se ao apagamento da herança cultural africana. O artigo destaca a pluriepistemologia dos modos de cuidados em saúde mental praticados há séculos no território brasileiro pelos povos tradicionais de matrizes africanas e ainda hoje preservados nas casas de candomblé, compondo psicologia firmemente enraizada na cultura brasileira. Trata especificamente do uso terapêutico das folhas nos cuidados em saúde mental desde uma epistemologia afrorreferenciada. Os conhecimentos foram construídos de forma colaborativa com a comunidade Tumba Nzo A'na Nzambi, utilizando-se o método construtivo-interpretativo, e, de forma híbrida, a orientação em campo também foi baseada na corporeidade dos participantes e do pesquisador. Como forma de gerar um diálogo entre os saberes tradicionais e o meio acadêmico foram realizados sistemas de inteligibilidades desde a antropologia sensorial de Ingold e a etnopsicologia de Tobie Nathan.

Palavras-chave: Etnopsicologia. Candomblé. Antropologia sensorial.

Abstract

Since the colonization process, during the 20th century, mental health care methods originating from western cultures have become hegemonic in

¹ O autor é membro da comunidade Tumba Nzo A'na Nzambi de candomblé de Angola, possuindo a dijina (nome iniciático) Lembainzô. Também é doutor em Psicologia Social pela Universidade de Brasília, com doutorado sanduíche na EHESS/França. Atualmente, se dedica a pesquisas relacionadas aos cuidados em saúde mental realizados pelos povos de matrizes africanas.

Brazil. This process was driven by the structural racism present in whitening policies and the propagation of a monoepisteme throughout universities, and was aimed at erasing African cultural heritage. This article highlights the multi-epistemology of mental health care methods practiced for centuries in Brazilian territory by traditional people of African origin and still preserved today in candomblé houses, composing a psychology firmly rooted in Brazilian culture. Specifically, the therapeutic use of leaves in mental health care is addressed from an Afro-referenced epistemology. The knowledge was constructed collaboratively with the Tumba Nzo A'na Nzambi community, using the constructive-interpretive method, and in a hybrid way, the field guidance was also based on the corporeality of the participants and the researcher. As a way of generating a dialogue between traditional knowledge and academia, systems of intelligibility were created from Ingold's sensorial anthropology and Tobie Nathan's ethnopsychology.

Keywords: *Ethnopsychology. Candomblé. Sensory anthropology.*

A partir da compreensão de que os candomblés tradicionais (casas de candomblé pertencentes a uma linhagem que as conecta a uma casa matriz) se apresentam no Brasil como sendo locais de preservação dos milenares saberes ancestrais dos povos africanos em sua diáspora; e do debate, em âmbito acadêmico, realizado por Silveira (2006) e Parés (2007) sobre como o formato atual desses candomblés foi constituído desde o diálogo intercultural de povos pertencentes a três grandes troncos étnicos africanos, o bantu o fongbé e o ioruba; somado aos conhecimentos terapêuticos e litúrgicos das folhas adquirido junto aos povos indígenas pelos povos bantu, os primeiros africanos a ser sistematicamente sequestrados e trazidos ao território brasileiro em grande escala como povos escravizados (Alencastro, 2000), é realizada uma discussão sobre o modo de funcionamento de uma psicologia afrorreferenciada, praticada na unidade territorial tradicional Tumba A'na Nzambi Junsara,²³ comunidade de candomblé de angola da ndangi (família) Tumba Junsara,⁴ e a utilização das folhas nos cuidados em saúde mental direcionados à comunidade tradicional e à população em geral.

² Os termos utilizados nesse artigo são provenientes das línguas quicongo e quimbundo. Essas eram, durante o período pré-colonial, as principais línguas utilizadas pelos povos bantu das regiões atualmente nomeadas como Angola e Congo. Sendo que os bantu representaram a maior parte, cerca de 70%, dos africanos escravizados trazidos ao Brasil (Alencastro, 2000). Ainda hoje, palavras provenientes das línguas quicongo e quimbundo são utilizadas no candomblé de angola como forma de preservar a cultura e a identidade dos povos bantu em diáspora pelo território brasileiro. Seguindo o argumento de que a sociedade brasileira foi estruturalmente constituída pelos povos africanos, pelos povos originários e pela etnia escravagista portuguesa, justifico a não utilização da grafia em itálico em palavras das línguas quicongo ou quimbundo, pois identificá-las como estrangeirismos seria contraditório ao decolonialismo defendido neste artigo.

³ Tumba Nzo A'na Nzambi significa a casa das filhas e filhos de Deus.

⁴ Tumba Junsara é uma casa de candomblé baiano que deu origem a uma das principais linhagens de candomblés existentes no Brasil. Sua fundação data de 1919, tendo como membros fundadores Manoel Ciríaco de Jesus (nome de iniciado: Tata Nlunyamungongo) e Manoel Rodrigues do Nascimento (nome de iniciado: Tata Cambembe). O termo ndangi, traduzido por família ou linhagem, significa que o Tumba Nzo A'na Nzambi segue a linhagem originada pelo Tumba Junsara.

Psicologia eurocentrada e psicologia afrorreferenciada no território pluriepistêmico brasileiro

A escolha por considerar uma psicologia os modos de cuidado em saúde mental existentes no candomblé se baseia nas discussões tratadas pela etnopsicologia (Nathan, 2001a, 2001b; Nathan, Stengers, 2012; Scorsolini-Comin, 2023), desde o entendimento de que ambas as terapêuticas, de origem ocidental e de origem africana, buscam o reestabelecimento do bem-estar psíquico dos seres humanos. E se desenvolve desde a compreensão de que existe uma relação entre o modo de funcionamento psíquico e a cultura, algo não acatado pela psicologia ocidental, que se pretende universalista.

Existem divergências culturais significativas entre esses dois modos de cuidado em saúde mental. Na epistemologia ocidental, o alvo dos cuidados psicológicos seria a consciência, considerada uma entidade individualizada, autônoma, isolada da cultura e, além disso, desencarnada e, portanto, dicotômica ao corpo. Na epistemologia afrorreferenciada do candomblé de angola, os cuidados em saúde mental são direcionados à muntuê.

O conceito de muntuê é abrangente a uma noção de consciência não dicotômica entre mente e corpo, e indivíduo e sociedade. Por um jogo de palavras é possível apresentar ao leitor, desde o radical ntu, um exemplo da noção de mundo e de ser humano bantu. No universo bantu, ntu é tudo aquilo que existe, muntu é o ser humano, muntuê é a consciência encarnada, bantu é o povo, e ubuntu é modo de o ser existir coletivamente – sou porque somos.

De acordo com o conceito de muntuê, a organização sensorial e o modo de agir do ser humano no mundo ocorrem a partir de uma consciência encarnada ou um corpo senciente, e, sendo ela coletiva, o estado de saúde mental do ser humano depende da relação em equilíbrio com outros seres vivos. Cabe ainda indicar que, segundo Nascimento (2016), a compreensão bantu de ser vivo é abrangente e inclui tudo

aquilo que existe, como humanos, divindades, ancestrais desencarnados, animais, plantas e também minerais.

O sistema terapêutico praticado no candomblé de angola se baseia em saberes ancestrais africanos e em práticas desenvolvidas a partir das demandas de saúde dessas populações em diáspora pelo território brasileiro. De forma que o candomblé de angola detém um sistema terapêutico tradicional, secularmente utilizado no Brasil para o atendimento de sofrimento e aflições de uma população escravizada e vítima de racismo, mas cujas práticas também estão direcionadas ao atendimento da população em geral – sendo, portanto, uma psicologia que está firmemente enraizada na cultura brasileira muito antes da chegada da psicologia ocidental neste território.

Por esse motivo, acredito que se faz necessária uma ampliação da discussão realizada pela etnopsicologia, estabelecendo um diálogo com a decolonialidade, como forma de compreender as implicações das políticas racistas na formação histórica da sociedade brasileira, que resultaram na ascensão da epistemologia ocidental e marginalização da epistemologia afroreferenciada.

A ascensão da cultura eurocêntrica e do sistema terapêutico ocidental no Brasil

O autor decolonial Wallerstein (2004, 2007) prescreve a aplicação de uma análise histórica de *longue durée* como forma de desconstruir as estruturas que sustentam a colonialidade e a autodeclarada supremacia dos saberes eurocêntricos perante os saberes dos povos tradicionais.

Segundo Silveira (2006) e Parés (2007), desde sua chegada, a partir da metade do século 16, os povos bantu constituíram associações denominadas calundus, tidas como culturas que antecederam os candomblés, como forma de promover práticas terapêuticas, bem como ritos destinados à preservação da identidade africana no Brasil.

Em um território colonial em que até 1815 não existiam faculdades de medicina, e havia poucos relatos da presença de médicos formados em

instituições acadêmicas da Europa, eram os saberes dos povos tradicionais que quase exclusivamente prestavam serviços de cuidados em saúde mediante uma medicina adaptada à população do território brasileiro.

Alencastro (2000) menciona que o primeiro registro da presença de um médico no Brasil data de 1635, quando um ex-médico de bordo vem a se estabelecer no Rio de Janeiro. Segundo Silveira (2006), no Brasil colonial, perante a população brasileira, a medicina eurocentrada tendia a gozar de pouco prestígio; o autor observa que um cronista de nome Nuno Marques chegou a afirmar, no século 18, que “os grandes doutores sabiam menos que uma velha ou outra pessoa qualquer sem ciência; e um bispo do Grão-Pará não fez por menos: “é melhor a gente tratar com uma tapuia do sertão, que observa com mais desembaraçado intento, do que com um médico de Lisboa” (p. 246).

Como forma de compreender o contexto social do Brasil colônia, segundo Gomes (2021), no início do século 19, apenas 5% do território era colonizado, o restante era território indígena e quilombola. E ainda, na pequena região do território brasileiro colonizado, 90% da população era negra. Assim, até esse período, a maior parte dos brasileiros pouco se identificava com a Europa e os saberes eurocêntricos.

Dois fatos históricos contribuíram para mudar essa situação. O primeiro foi a fuga para o Brasil, em 1808, da família imperial portuguesa e sua corte. A ausência de perspectiva de uma estada breve ensejou a necessidade de aproximar o universo cultural da colônia ao da metrópole pela instauração de instituições colonialistas no Brasil, como faculdades, o real teatro de São João, o museu real e a biblioteca real (Schwarcz, 2005).

O segundo fato histórico é a emergência, no final do século 19, do eugenismo na Europa, uma pseudociência racista utilizada como forma de sustentar uma autodeclarada superioridade das etnias brancas perante os não brancos. Do final do século 19 e até meados do 20, o eugenismo encontrou forte eco na elite colonial e pós-colonial brasileira, vindo a influenciar uma política de embranquecimento da população, como o incentivo à imigração em massa de pessoas brancas sob a

justificativa de “melhorar” geneticamente a população (Schwarcz, 2005). E em outra vertente das políticas de embranquecimento da população, desde o início do século 20, incentivou-se a instauração de universidades no Brasil, como uma forma de “modernizar” a sociedade e acelerar a aproximação da cultura brasileira à dos países do norte, difundindo assim, com ainda mais vigor, os saberes gerados nas universidades europeias e nos EUA, como os “mais verdadeiros, nobres e ilustres” (Carvalho, 2019).

A lacuna histórica dos cuidados em saúde mental praticados no Brasil aforreferenciado

A fim de realizar uma clivagem entre a discussão sobre as universidades como instituições difusoras do colonialismo com os sistemas terapêuticos pluriépistêmicos disponíveis no Brasil, é necessário elaborar uma breve exposição sobre a história dos cuidados em saúde mental no território brasileiro ou, para bem dizer, da lacuna histórica relacionada à relevância dos saberes terapêuticos tradicionais na composição de uma psicologia brasileira enraizada na cultura dos povos tradicionais deste território.

Silveira (2006) estudioso que se dedicou a compreender o processo de constituição do candomblé no Brasil, relata que as lideranças dos calundus e candomblés eram consideradas pessoas sábias, que com uso de oráculos ofereciam aconselhamento psicológico, ajudavam a prevenir situações problemáticas e a colocar ordem na vida de pessoas que as procuravam em estado de aflição. Papel que até hoje é reconhecidamente desempenhado por mães e pais de santos em terreiros espalhados pelo Brasil.

A constituição de faculdades de medicina e formação de um quantitativo de profissionais nessa área em montante suficiente para atender às demandas da população foi fato tardio na história brasileira, que só aconteceu no século 20. De forma mais recente ainda, no Brasil, as primeiras faculdades de psicologia surgiram apenas nos anos 1960. Também é historicamente recente a obrigatoriedade do Estado brasileiro

em oferecer assistência em saúde para a população em geral, em um processo que se iniciou no final do século 19, durante a Primeira República, passou pela criação, em 1923, da previdência social, e culminou com a criação do SUS, o sistema universal de acesso à saúde, somente em 1990.

É de presumir, portanto, que durante a maior parte dos cinco séculos de história do Brasil foram as terapêuticas dos povos tradicionais que realizaram a maior parte dos atendimentos em saúde neste território. E que esse é um fato que tem sido intencionalmente apagado na construção de uma identidade nacional que desconsidera a relevância da herança cultural dos povos africanos e originários.

Segundo Almeida, Oda e Dalgalarondo (2007), após a instauração de faculdades de medicina e universidades no Brasil, e até final dos anos 1960, observa-se um ataque direcionado às comunidades de matrizes africanas desqualificando-as como locais em que se realizavam cultos primitivos, uma espécie de “histeria coletiva”, cujos estados de transe eram “dementificantes” e “uma espécie de esquizofrenia”.

Se correlacionarmos a perseguição proveniente de uma ciência psicológica/psiquiátrica recém-chegada a este território ao fato – apagado da história brasileira – de que já existiam terapêuticas tradicionais em cuidados em saúde mental, é possível inferir que a intencionalidade desse ataque se deve a duas causas, a primeira, mais óbvia, é uma atualização, agora acadêmica, do racismo estrutural que desembarcou no Brasil junto com as primeiras caravelas. A segunda causa seria o provável interesse desses profissionais da saúde mental, que começaram a ser formados nas faculdades e universidades brasileiras, em garantir a reserva do mercado da área de saúde mental para si mesmos. Após esse período, uma vez que, desde o racismo epistêmico, foi estabelecida, na sociedade brasileira, a supremacia dos cuidados em saúde mental eurocentrados, observa-se um silêncio quase sepulcral de pesquisadores acadêmicos dessa área sobre os cuidados em saúde mental realizados em comunidades tradicionais de matrizes africanas.

De forma a concluir o argumento formulado desde o diálogo entre a etnopsicologia e o decolonialismo, observando as implicações das

políticas racistas na constituição da sociedade brasileira, tem-se que essas políticas geraram uma assimetria social em que as tradições de matrizes africanas foram relegadas à margem da sociedade brasileira e epistemologicamente inferiorizadas. E, assim, enquanto os saberes eurocêntricos dos cuidados em saúde mental, difundidos pelas universidades, rapidamente se tornaram hegemônicos, devido ao racismo, os cuidados em saúde mental afrorreferenciados ficaram restritos aos terreiros, entrincheirados, resistindo pela força das comunidades tradicionais de matrizes africanas.

Por esses motivos, portanto, justifico que, apesar de enquadrar a discussão realizada neste texto no campo da etnopsicologia, por compreender que, em ambientes acadêmicos, o acréscimo do termo etno caracteriza o campo como algo alternativo ao *mainstream* e, por consequência, aos saberes e práticas ocidentais, bem como que o uso do termo etno deriva de uma política colonialista de embranquecimento da população desde o racismo epistêmico, utilizo no título do artigo o termo psicologia do candomblé de angola, em vez de etnopsicologia.

Teorias e método acadêmicos para produção de conhecimento em uma comunidade tradicional de matriz africana

Dada a distância epistemológica entre os cuidados em saúde mental ocidentais e afrorreferenciados, para uma produção acadêmica sobre o uso das folhas como dispositivos terapêuticos dentro do sistema terapêutico tradicional do candomblé de angola, foi necessária a realização de um hibridismo envolvendo o método construtivo-interpretativo de González Rey e Mitjáns (2017) e a antropologia sensorial de Ingold (2013, 2019, 2021a, 2021b), ambas embasando a orientação do pesquisador durante a pesquisa de campo, além da utilização da etnopsiquiatria de Tobie Nathan (2001a, 2001b; Nathan, Stengers, 2012, em sua perspectiva de compreensão da cultura desde os seus dispositivos terapêuticos, como uma forma complementar na produção de conhecimento. Em comum, essas teorias não se propõem a gerar

explicações universais, mas sistemas de inteligibilidade desde o campo de pesquisa, o que é essencial em se tratando de estudo que busca realizar um giro epistemológico ao propor o diálogo e a aproximação entre duas epistemologias distintas, de um lado, a área acadêmica e suas teorias eurocentradas e, do outro, o sistema terapêutico do candomblé ancorado nas matrizes africanas.

Os conhecimentos foram construídos de forma dialógica pelo pesquisador em parceria com a comunidade Tumba nzo A'na Nzambi Junsara, localizada na região rural de Águas Lindas, em Goiás, uma cidade periférica de Brasília. Cabe ressaltar que o pesquisador é também membro dessa comunidade tradicional, e possui a *dijina*⁵ de Lembainzô, mencionada em algumas partes das entrevistas apresentadas neste texto.

As propostas metodológicas de González Rey e Mitjáns (2017) e da antropologia sensorial de Ingold (2013, 2021a) se apresentaram como métodos que se integram e se completam na função de acesso à informação e teorização em campo. O uso do método construtivo-interpretativo de González Rey e Mitjáns para a pesquisa de campo foi uma forma adequada de abordar o sistema terapêutico, pois a partir dessa proposta dialógica de produção de conhecimento foi possível gerar um movimento político de afirmação identitária da comunidade, interessada em apresentar e promover a sua casa de candomblé como local integralmente voltado para o ato de cuidar. Assim, os participantes da pesquisa aderiram ao estudo assumindo a corresponsabilidade pela autoria. Em diálogos gravados, o pesquisador e os participantes discutiam o sistema terapêutico e construíam o conhecimento a partir da reflexão sobre suas experiências de vida.

A posposta da antropologia sensorial de Ingold (2013, 2019, 2021a, 2021b) centrada na corporeidade apresentou forte ressonância com o modo em que são transmitidos os conhecimentos tradicionais naquela comunidade, e com a forma afrorreferenciada de ser e estar no mundo, a partir de um engajamento multissensorial em um ambiente estruturado.

⁵ *Dijina* é o nome iniciático pelo qual a pessoa é conhecida dentro de um grupo de candomblé.

Na proposta de pesquisa de campo de Ingold, tanto a experiência sensorial do pesquisador quanto a dos participantes da pesquisa são modos válidos de produção de conhecimento e de orientação do pesquisador em campo, durante a trajetória da observação participante.

Enquanto a observação participante da pesquisa de campo teve duração de cinco anos, a parte relacionada à construção colaborativa do conhecimento durou 18 meses e envolveu conversas gravadas com 23 pessoas da comunidade. A pesquisa, em sua totalidade, resultou na tese de doutorado do autor deste artigo, sendo aqui apresentada uma discussão original relacionada ao uso das folhas como dispositivos terapêuticos do candomblé de angola, família Tumba Junsara. Considerando que o candomblé é um sistema cultural completo, e que este artigo trata especificamente da terapêutica das folhas, o conhecimento aqui apresentado foi construído em colaboração com o Tata ría nkisi⁶ (pai de santo), cuja dijina é Tata Ngunz'tala, principal curador da casa, e com o Tata Kisaba, cargo destinado ao responsável pelo uso ritual das folhas dentro da comunidade, cuja dijina é Tata Muene Nsaba.

De forma ética, toda a produção de conhecimento resultante da pesquisa, antes de ser publicada foi debatida com os participantes, no momento das dinâmicas conversacionais ou após, e o que eles consideraram conhecimento tradicional que deve ser mantido somente entre pessoas iniciadas foi retirado do estudo.

Sistema terapêutico do candomblé de angola e os cuidados em saúde mental

O Tumba nzo A'na Nzambi é uma casa de candomblé de angola que também pratica a umbanda, em calendário à parte, não existindo, assim, mistura dos ritos de candomblé com a umbanda. Há que observar,

⁶ Tata ría nkisi é o título para o mais alto cargo de uma casa de candomblé, o sacerdote principal da nzo. Sendo essa a denominação usada quando a pessoa é do gênero masculino. Nos casos em que a nzo é liderada por uma sacerdotisa, a denominação é Mameto ría nkisi ou Nengua ría nkisi. O termo Tata tem significado de pai, enquanto Mameto e Nengua significam mãe.

no entanto, que, sendo uma casa em que se cultuam divindades bantu, os nkisis,⁷ e que também, nos rituais da umbanda, se cultuam ancestrais humanos desencarnados, as entidades, ambas, divindades e entidades, fazem parte da subjetividade social e do sistema terapêutico adotado pela casa. Isso para a comunidade não é algo dissonante, pois os povos bantu agiam da mesma forma, cultuavam nkisi, o ancestral divino, e também faziam ritos em que se convocavam os ancestrais da comunidade para realizar curas e aconselhamentos. Nas palavras de Tata Ngunz'tala,

A própria palavra umbanda significa a arte de curar, é uma palavra em quimbundo. E os bantos em geral, não têm problema nenhum com ancestral, com a divindade. São só conceitos de níveis diferentes. São conceitos diferentes, mas não tem nenhum choque, nenhum problema com ancestral. Era muito comum quando se tinha que resolver uma coisa, quando não tem solução, chamar o povo para debaixo da malemba⁸ e chamar o ancestral para resolver. Que é o que a gente faz com as entidades de umbanda.

O sistema terapêutico do candomblé de angola praticado no Tumba nzo A'na Nzambi se baseia em alguns pilares. Inicialmente é realizado o diagnóstico e aconselhamento desde o oráculo, que pode ser realizado pela interpretação do jogo de búzios ou pela manifestação de uma divindade, um nkisi, ou de uma entidade ancestral incorporada em um curador.

Considerando a proposta de Nathan (2001a, 2001b; Nathan, Stengers, 2012), de compreender uma cultura a partir de seus dispositivos terapêuticos, ele afirma que em cada sociedade se encontram objetos terapêuticos que possuem eficácia dentro da lógica em que opera o maquinário social daquela sociedade. No maquinário social do candomblé de angola, o oráculo é um objeto terapêutico que estabelece comunicação entre o mundo espiritual e o consulente, e, assim, gera a possibilidade de se estabelecer uma negociação entre eles.

Sendo o estado de saúde no candomblé compreendido pela noção de equilíbrio, os dispositivos terapêuticos dessa cultura se direcionam a

⁷ Enquanto o candomblé de angola se caracteriza pelo culto aos nkisis, o candomblé queto pratica o culto aos orixás, e o candomblé jeje aos voduns.

⁸ Malemba é uma espécie de árvore também conhecida como figueira africana.

essa finalidade. O oráculo é capaz de acessar o futuro muntuê de uma pessoa, uma sabedoria ancestral em que é identificado o propósito existencial do consulente, um caminho de vida que ele deve percorrer, e que foi planejado por ele junto com os nkisis, antes de seu nascimento. Entende-se que, se a pessoa, por algum motivo, está afastada do seu futuro muntuê, sua muntuê está adoecida. Segundo a lógica desse sistema, entre as muitas possíveis causas de desequilíbrio da muntuê podem ser citadas: não ter ainda despertado para a dimensão espiritual; fazer uso incorreto dos poderes espirituais; ter ignorância de seus propósitos existenciais; estar desconectado da ancestralidade bantu; estar sob a influência negativa de seres espirituais ou sob autoinfluência negativa; não ter fé em si próprio. E, assim, a partir do diagnóstico, o oráculo indica também quais dispositivos terapêuticos devem ser utilizados para reestabelecer o equilíbrio da muntuê, reconectando-a a seu futuro muntuê.

A capacidade de compreender um oráculo e ler o destino de alguém não é tarefa facilmente alcançável, podendo levar anos para que uma pessoa, dentro do sistema cultural do candomblé a alcance, pois é necessário um conjunto de habilidades a desenvolver; sobre isso, conversei com Tata Ngunz'tala e o jogo de búzios.

Pesquisador: Como a gente usa nosso sensorio, nossos sentidos? Quais são os sentidos? Eu já joguei com você algumas vezes, e, na verdade, a gente fala bem pouco, e você vai adivinhando as questões que a gente traz. Além do oráculo apontar as respostas a partir da queda dos búzios, que outros sentidos estão envolvidos na forma como você diagnostica a pessoa?

Tata Ngunz'tala: É... tem a configuração da queda dos búzios, que é um oráculo que, no Brasil, foi o que o candomblé preservou, independente de que povo pertença, mas é o que a gente herdou como oráculo; a gente aprende a partir da configuração da queda dos búzios na tábua, na mesa. Tanto pela quantidade de búzios abertos ou fechados como pela configuração que ela toma. Qual que caiu antes? Qual que caiu depois? Isso é uma coisa a ser estudado, não é só, não é intuição. Essa primeira fase você tem que saber, tem que memorizar. É uma questão de aprendizagem. Você tem que estudar, tem que saber, tem que memorizar aquelas quedas. Quem fala, tanto se fala o nkisi, se fala um ancestral e ou se fala... de que que fala cada queda daquela. E a partir daí a gente tem interação mesmo com a pessoa. Envolve o conhecimento da gente, o convívio sacerdotal nos dá um certo conhecimento do ser humano. Então quando cai uma coisa que você joga, você diz "olha essa queda

fala disso...". Tem a reação da pessoa também, que mostra, assim, que é isso que a pessoa veio buscar, que é essa... tem gente que chega e ela só veio fazer uma questão, é a primeira queda daquele assunto, ela não tem mais outro... nada, porque aquilo é onde está o nó da vida dela, ela resolvendo aquilo, ela consegue se resolver, então tem muito de intuição, mas a gente... mesmo a intuição, ela parte do conhecimento da queda, tem que conhecer, não pode ser preguiçoso, tem que estudar, tem que ter vivência, tem que ter convivência... dentro da estrutura, com os mais velhos. Coisa do dia a dia que a gente só aprende vivendo. E não dá para ensinar, tem que ser a perspicácia mesmo, da vivência. Tudo isso nos dá a indicação do que o oráculo está orientando para aquela pessoa.

A resposta de Tata Ngunz'tala aponta para o fato de que, para se tornar um terapeuta tradicional na cultura do candomblé de angola, são necessários tanto a dedicação ao estudo sobre a queda dos búzios no jogo e suas 256 possibilidades decorrentes, que é o conhecimento sobre os caminhos, sabedoria herdada dos ancestrais, quanto o desenvolvimento e aprimoramento de uma multissensorialidade, pois a base para o diagnóstico correto está em, a partir do corpo e no corpo, sentir a conexão intersubjetiva com a pessoa atendida, bem como na intuição, pelo exercício de imaginar estando ancorado no momento presente.

A pesquisa apontou que, naquela comunidade, quem se inicia no candomblé é uma pessoa que nasceu em uma sociedade ocidentalizada e que gradualmente passa por um processo de subjetivação direcionado à africanização. Essa subjetivação ocorre pela transmissão da tradição, dos mais experientes, os mais velhos na tradição, em direção aos mais novos, em um processo de aprendizagem em que muito pouco do que é ensinado é falado ou descrito. Não existe um livro canônico no candomblé; é a partir das vivências que se aprende e que ocorre a transformação subjetiva.

Assim, visto desde a corporeidade, um terapeuta tradicional tem que ter passado por um processo que Ingold (2013) descreve como treinamento da atenção, em que – feita a inserção na cultura e suas vivências, ao prestar atenção no corpo e a partir do corpo, de forma sensível e multissensorial – são descobertos índices que funcionam como chaves capazes de abrir portas pelas quais a cultura tradicional vai sendo desvelada.

Ngunzu e os dispositivos terapêuticos

Em sequência ao aconselhamento realizado pelo oráculo, os principais dispositivos terapêuticos a utilizar são a iniciação, o consumo ritual dos alimentos e o uso terapêutico das folhas. Além disso, no terreiro pude observar outros dispositivos terapêuticos, como o ritual do kimbane muntuê,⁹ equivalente ao ritual do bori dos candomblés iorubas, escuta e acolhimento, uso de rezas, benzimento, passes energéticos, rituais litúrgicos, velas, lavagem da cabeça, e outros que não serão aqui mencionados por extrapolar os objetivos deste ensaio.

Antes de dar prosseguimento à argumentação sobre o sistema terapêutico tradicional do candomblé de angola, é necessário explanar sobre o ngunzu, uma força vital, que encontra correspondência ao conceito de axé dos povos iorubas. O sistema terapêutico se baseia na circularidade do ngunzu entre os seres vivos, o que, como dito, para os povos bantu abrange tudo aquilo que existe. Sendo uma força vital, o ngunzu vibra. Cada nkisi possui um ngunzu diferente, ou seja, vibra de maneira própria, e cada nkisi possui plantas ou alimentos que contêm o seu ngunzu. Sendo uma terapêutica cujo diagnóstico é baseado na multissensorialidade, um dos indicadores de que a pessoa está em desequilíbrio é sentir a forma como sua muntuê está vibrando. E, assim, a terapêutica do candomblé de angola consiste em transmitir intencionalmente pelo uso de dispositivos terapêuticos o ngunzu específico de um nkisi para atendimento da demanda da pessoa acolhida.

Apresentarei de forma breve como atuam os dispositivos terapêuticos, iniciação e alimento, dentro do sistema de cuidados em saúde mental, para em seguida me estender sobre o uso de folhas no sistema terapêutico do candomblé.

⁹ Kimbane muntuê ou culto à muntuê é um ritual terapêutico realizado no candomblé de angola, cujo intuito é alimentar a muntuê, sendo uma forma de, pela doação do ngunzu (conceito explicado no parágrafo subsequente) presente nos alimentos e folhas, equilibrar energeticamente a pessoa fortalecendo-a contra as adversidades e de trazer inspiração para que possa solucionar suas demandas.

A iniciação consiste em entrelaçar ritualmente a pessoa a seu nkisi. Como visto, pelo futuro muntuê, no candomblé se considera que cada pessoa desde antes de seu nascimento já possui um nkisi designado, bem como que o nkisi é a própria natureza da pessoa. Seguindo a teoria de Tobie Nathan (2001a; Nathan, Stengers, 2012), a iniciação levaria o sujeito a uma conexão com a matriz interpretativa de um grupo étnico, ancorando assim seu funcionamento psíquico à cosmogonia e aos mitos de criação daquela comunidade. Pelo que foi abordado nas conversas com os participantes da pesquisa, apesar de que, desde o momento em que é realizado o rito de iniciação já se observam resultados no equilíbrio da muntuê, é na relação a longo prazo, no caminho a ser trilhado desde o entrelaçamento ritual com o nkisi, que se estabelecem os impactos mais significativos na saúde. A iniciação posiciona o sujeito em um processo de construção identitária e subjetivação, que ocasiona a promoção da saúde a partir de uma alteração de sua estética de existência, tornando-o gradativamente mais próximo de sua verdadeira natureza. E principalmente para pessoas negras, a iniciação, ao as incluir em uma comunidade tradicional de matriz africana, gera o sentimento de pertencimento e reconexão a um povo bantu em diáspora, o que, segundo relatado, possui forte impacto na promoção de saúde mental.

O ngunzu presente nos alimentos e nas folhas é capaz de reestabelecer a vibração harmônica da muntuê. Diferentemente do que ocorre na iniciação, no entanto, esses dispositivos terapêuticos são utilizados cotidianamente para cuidar de pessoas da comunidade ou de fora, pois oferecem resultados profiláticos com efeitos imediatos.

Como já dito, cada nkisi possui correspondência em um alimento e em algumas folhas. Uma vez identificada a desarmonia vibracional da muntuê, a folha/alimento ritualmente ativada doa seu ngunzu à muntuê, neutralizando as influências negativas, sendo capaz de reestabelecer o equilíbrio pela vibração dessa força vital pulsante.

Há que observar a utilização dos alimentos e folhas de forma diferenciada no sistema terapêutico. O uso terapêutico dos alimentos ocorre pela ingestão, nutrindo a pessoa pela digestão do alimento

ritualmente ativado. O alimento específico do nkisi pode também, entretanto, ser colocado junto ao ponto de força do nkisi pela seguinte lógica: ao ofertar alimento para o ponto de força de um nkisi, esse se nutre, vibra e distribui seu ngunzu, fazendo a muntuê vibrar, reequilibrando-a. Nessa forma de ação, contudo, se faz necessária também a agência da pessoa. Ao preparar o alimento, ela mentaliza sua demanda, e, assim, ao colocar o alimento junto ao ponto de força do nkisi, o ngunzu daquele nkisi é ativado na muntuê do sujeito. Esse é um modo de manipular a força do nkisi para atuar no ser humano.

Como forma de marcar um ponto evidentemente diferenciado entre a psicologia afrorreferenciada e a eurocentrada, cabe lembrar que essa relação, estabelecida via uma epistemologia afrorreferenciada, é proveniente da sagacidade dos povos bantu em perceber que tudo está conectado, de modo que é possível realizar uma intervenção eficaz na vida de uma pessoa pela manipulação do ngunzu dos alimentos. Ao passo que, na cultura eurocêntrica, que já passou por um processo de dessacralização, a lógica bantu de uso terapêutico dos alimentos tenderia a ser caracterizada pelo simbolismo dos objetos, como uma relação de autossugestão.

Transmissão tradicional do conhecimento sobre as folhas

Existe um ditado no candomblé segundo o qual “sem folhas não há candomblé”, tamanha é a relevância que esse dispositivo terapêutico possui naquela cultura. Em uma comunidade de candomblé, as folhas são consideradas sujeitos e detentoras dos ngunzus dos nkisis. E possuem uma característica especial: são capazes de se doar e entregar seu ngunzu para que outro ser se beneficie de sua força, sendo essa circularidade, o fundamento do uso terapêutico das folhas.

Em uma discussão sobre territorialidade, a chegada ao terreiro de candomblé é precedida de um banho de folhas, o quijaua, um modo de preparar a muntuê para adentrar as fronteiras do território africano estabelecido dentro do Brasil. Somente após ser purificado pelo quijaua,

vestir-se de branco, colocar os fios de conta e pedir bênção aos nkisis e aos mais velhos é que se considera que a pessoa atravessou a fronteira entre o território ocidentalizado e a África.

Sempre pensei que a composição do quijaua fosse padrão, mas, desde o aprofundamento na cultura do candomblé, percebi que para cada situação se prepara um composto diferente de folhas. O que faz total sentido, pois cada folha de uso tradicional vibra um nkisi e atua de forma diferente na muntuê. Essa percepção foi a inspiração para conversa que tive com Tata Muene Nsaba sobre o poder das folhas e a forma de seu uso nos cuidados realizados no terreiro.

Tata Muene Nsaba: Já [aconteceu] da pessoa chegar assim, você sentir, igual você falou... a gente tem aquela sensibilidade... às vezes, a pessoa está com a energia bem baixa, não sei o que, aquela coisa toda. Você tem aquela sensibilidade de perceber aquilo, aí depois de um banho desse, a pessoa já está com outra cara, já está repaginada, entendeu? O poder das folhas, é isso que é interessante, cara. Às vezes, alguns ritos que a gente usa algumas folhas assim, você olha assim e fala "pô! Caramba, velho!", e aí são detalhes que tem que estar dentro para saber, entendeu? Porque na hora que foi, estava acontecendo essa situação, botou tal folha "você viu como é que a coisa mudou?" Você viu que o negócio foi para outro caminho? Entende? E aí a folha tem essa função, a gente fala que a gente desperta a energia das folhas para interagir com a muntuê da pessoa e nessa interação a pessoa se sentir melhor.

A função exercida pelo Tata Kisaba numa casa de candomblé, acredito eu, é uma das mais relevantes e uma das que mais exige dedicação e preparo para ser executada. Durante meu período de vivências no terreiro e também durante a fase de observação participante da pesquisa, quase todas as vezes, ao chegar à nzo, Tata Muene Nsaba já estava lá, e ao sair, ele ainda continuava por lá. Talvez a única pessoa mais presente do que ele na casa seja o Tata ria nkisi.¹⁰ Na conversa com Tata Muene Nsaba ainda foi abordada a forma como tradicionalmente são transmitidos os conhecimentos sobre as folhas dentro de uma casa de candomblé.

¹⁰ Tata ria nkisi é o título para o mais alto cargo de uma casa de candomblé, o sacerdote principal da nzo. Sendo essa a denominação usada quando a pessoa é do gênero masculino. Nos casos em que a nzo é liderada por uma sacerdotisa, a denominação é Mameto ria nkisi ou Nengua ria nkisi. O termo Tata tem significado de pai, enquanto Mameto e Nengua significam mãe.

Pesquisador: Sua dijina é Muene Nsaba, o que que significa?

Tata Muene Nsaba: Senhor das folhas, você tocou num ponto importante, que eu sou, no caso, responsável pelas folhas aqui da roça. Fazer um banho, cuidar das pessoas, geralmente eu sou responsável. Eu tenho 12 anos de iniciado, tenho muita coisa para aprender, principalmente em relação a folha. Porque toda vez, quando a gente sai para buscar folha, aí eu, nessa oportunidade, eu colo no Tata. “Meu filho, sabe que folha é essa aqui?”, “não pai, não sei não”, “ah, essa folha é essa, serve pra isso e isso”, eu falo “ah, tá bom!”. É nesses momentos que a gente começa a aprender mais sobre folha.

O terreiro de candomblé proporciona um ambiente estruturado no qual a subjetivação se desenvolve a partir das experiências vividas em comunidade. As formas mais comuns de transmissão no sistema tradicional de aprendizagem no candomblé ocorrem assim, pelo relacionamento com um mais velho na tradição e por estar presente no terreiro e disponível para cumprir tarefas que lhe são delegadas.

Em se tratando de uma cultura afrorreferenciada, em que a noção de comunidade abrange também os nkisis, se faz necessária, no entanto, uma discussão sobre construção identitária epistemologicamente afrorreferenciada, que é mais bem abordada pelo paradigma da corporeidade.

Como já mencionado, a iniciação no candomblé é um entrelaçamento entre a pessoa e um nkisi, o que leva ao despertar da espiritualidade e a uma nova forma de se orientar no mundo. O nkisi ao qual Tata Muene Nsaba foi entrelaçado é Katendê, a divindade que habita as matas e que desperta os poderes litúrgicos e terapêuticos das folhas. Essa forma de aprendizado que acontece pelo desenvolvimento da sensibilidade do sujeito se enquadra na discussão realizada por Ingold (2013) sobre a educação da atenção.

Tata Muene Nsaba: às vezes, o Tata fala “meu filho, vamos bater umas folhas ali numa pessoa assim, assim, assado?” “Bora, pai!”. Aí às vezes, eu mesmo, no caminho, no trajeto “ah, vou botar essa folha junto”. Tipo como se fosse um aviso, “ah, coloca essa folha aqui também pra essa pessoa” E aí, o Tata, às vezes, ele percebe “pô, meu filho, você estava lendo meu pensamento, eu queria que você botasse essa folha, não falei nada, mas você trouxe a folha”.

Para Ingold, a transmissão de conhecimento em culturas tradicionais ocorre a partir da educação da atenção em um ambiente estruturado. Ingold (2021a) considera o ser humano um ser cultural-biológico, cujo desenvolvimento acontece por meio das relações sensuais que a pessoa-organismo estabelece com o tecido social que é pleno em texturas. De forma que o desenvolvimento da pessoa-organismo acontece a exemplo de um fio que se entrelaça com outros fios presentes no tecido social. Assim, a educação da atenção ocorre pelas interações vividas pela pessoa com as texturas do tecido social, levando-a a descobertas de índices. Desde uma perspectiva semiótica, os índices apreendidos atuam como chaves com as quais se abrem portas da percepção. Essa reflexão gerada desde a antropologia sensorial de Ingold é bastante compatível com o modo em que é transmitida a cultura do *candomblé*.

A pessoa-organismo, ao ser iniciada no *candomblé*, é inserida em um ambiente estruturado pleno de texturas, índices afrorreferenciados e, com base nas vivências rituais, desenvolve a educação da atenção a partir dos índices daquela cultura. No caso de Tata Muene Nsaba, ritualmente entrelaçado pela iniciação ao *nkisi Katendê*, ele gradualmente se torna mais receptivo à influência desse *nkisi* em sua *muntuê* e, assim, no exercício de sua função na comunidade, ao caminhar pelas matas em busca de folhas, ele vem desenvolvendo uma sensibilidade na identificação de folhas destinadas aos cuidados realizados naquela *nzo*.

A aprendizagem estruturada no entrelaçamento da pessoa-organismo com *nkisi* e no desenvolvimento da sensibilidade é uma tecnologia de subjetivação que faz sentido dentro do modo de transmissão tradicional. É uma experiência que proporciona o enriquecimento da subjetividade, sendo esse o caminho de um *nganga*, uma pessoa sábia da comunidade, um terapeuta tradicional.

Exemplificando a necessidade de realizar um diálogo da psicologia ocidental com a antropologia sensorial e a etnopsicologia, observando a limitação da epistemologia eurocentrada, Bizerril (2007) afirma que a psicologia ocidental, ao não dialogar com essas áreas, tenderia a significar essas experiências como um transtorno dissociativo da identidade, algo

que, ao se considerar que essa é uma experiência capaz de proporcionar saúde mental e de realizar curas, não faz nenhum sentido.

O uso terapêutico das folhas nos cuidados em saúde mental

Toda a discussão elaborada até o momento culmina neste tópico, sendo que, dada a complexidade da terapêutica realizada com folhas no candomblé de angola, se apresenta como pré-requisito para sua compreensão.

Como visto até aqui, a atividade terapêutica com base no uso das folhas para reequilibração da muntuê, que encontra equivalência na expressão ocidental cuidados em saúde mental, requer domínio sobre um vasto campo fitoterápico. A depender da demanda são escolhidos as folhas e os modos de aplicação, um preparado de folhas para banhos ou bater as folhas no corpo da pessoa, sendo essas duas as formas mais comuns de uso no sistema terapêutico tradicional de matrizes africanas. Tata Ngunz'tala explica a lógica que rege o uso terapêutico das folhas no maquinário social do candomblé.

Tata Ngunz'tala: A própria força da folha que cada ser tem sua própria energia, tem sua própria vibração, independente da mítica. Ela, em si, tem a vibração dela e aí a gente desperta ela a partir das rezas. E a ideia física, inclusive, você bate no físico, é um jeito de desvencilhar os ilhames psicoespirituais negativos, ou herdados ou gerados, ou encontrados, e devolver para a natureza, pela força da natureza, para que aquela energia se esvaia. Aquela folha depois é amassada, é jogada no pé de uma árvore, que vai virar matéria orgânica. A vida vai continuar, então é um jeito de alimentar a força positiva, enquanto tira do negativo, para achar o equilíbrio.

Pesquisador: Se a gente, por exemplo, pega a folha e faz um chá, é possível a partir da cultura ocidental entender que é um princípio ativo, quando faz um emplastro também. Mas quando bate, é uma outra etiologia.

Tata Ngunz'tala: Sim, sim, é a partir do conceito vibracional. Eu me reconheço na folha; por que cada nkisi tem a sua folha? É porque aquela folha vibra no caminho daquele nkisi, então é como se eu me reconhecesse nela. Ela não me é estranha, ela me pertence. Ela me compõe, ela vai passar a orbitar também em mim, como energia, como ser, como vibração da consciência de Nzambi que perpassa tudo, não é uma coisa estática, tudo para nós está em movimento e vibrando.

Diferente de uma epistemologia ocidental, em que a base da medicina está na ação fisiológica dos princípios ativos extraídos das plantas, e que de certa forma se assemelha a uma medicina popular do uso dos chás, emplastros, xaropes e garrafadas, no sistema terapêutico do candomblé, o princípio terapêutico das folhas vem da sua capacidade de, ao entrar em contato com uma muntuê que vibra de forma desarmônica, absorver a energia negativa e doar a sua vibração, o seu ngunzu.

Nesse sistema, a noção de saúde se baseia no equilíbrio. Os seres vivos pulsam, cada um vibra segundo a sua natureza. Entende-se assim que uma muntuê saudável vibra de forma harmoniosa a sua natureza. A capacidade de realizar um diagnóstico diferencial, e identificar o que está interferindo no estado de equilíbrio da muntuê, e entre uma gama de nkisis, seus ngunzus, conhecer as diferentes vibrações e qual folha utilizar para reestabelecer o estado de equilíbrio de muntuê entra na já mencionada educação da atenção. E é adquirida pelo sistema tradicional de transmissão de saberes em um longo caminho de vivências em comunidade.

A quantidade de folhas existentes no sistema fitoterápico do candomblé, o conhecimento sobre como despertar o poder das folhas, a capacidade de realizar o diagnóstico pela sensibilidade da forma como vibra a muntuê e a forma como devem ser aplicadas as folhas, para fins litúrgicos ou terapêuticos já representam um conhecimento amplo a ser adquirido, mas isso ainda é mais complexo. É divulgado tanto nos ambientes acadêmicos, pelo livro de Víctor Turner (1974) sobre os ndembo, que são bantu, quanto no uso de folhas quentes e frias no tratamento de doenças, tecnologia que está preservada em algumas comunidades quilombolas.¹¹ A partir de minha observação de campo, percebi que, dentro do sistema terapêutico do candomblé também havia o uso dessas propriedades das folhas, quentes e frias, durante os cuidados.

¹¹ Obtive acesso a essa informação ao assistir uma aula ministrada pela mestra Lucely Pio do quilombo do Cedro, localizado na cidade de Mineiros, Goiás. Essa palestra ocorreu no primeiro semestre de 2021, durante uma disciplina que realiza o encontro de saberes, promovida na Universidade de Brasília pelo professor José Jorge de Carvalho. Nessa disciplina, mestras e mestres dos povos tradicionais são convidados a passar a riqueza de seus conhecimentos aos estudantes.

Como forma de compreender se a lógica terapêutica de uso de folhas utilizada pelos ndembo, tal como repassado pela mestra quilombola Lucely Pio, e no terreiro são semelhantes, converso com Tata Ngunz'tala.

Pesquisador: Eu li um texto sobre os ndembo, do Victor Turner, e ele fala sobre uma terapia das folhas frias e folhas quentes, e eu observei que tem algo disso nos quilombolas e aqui também, qual é o princípio disso?

Tata Ngunz'tala: é a natureza da folha mesmo. É que em determinado horário... igual a gente, não tem hora que dá mais sono? E não tem hora que dá fome? E não tem hora que você quer só ficar quieto? Se estiver muito calor, o corpo reage de um jeito, se tiver muito frio, o corpo reage de outro. Então cada folha tem sua natureza, dependendo do horário do dia... Por exemplo, ela vai alterar? Tem folha que, se a gente colhe de manhã, ela tem um efeito, se colher à tarde, ela tem outro efeito. Igual a gente, ela parte do mesmo princípio de Nzambi que perpassa tudo. Tem folha, que o princípio psicoespiritual ou transcendente dela é mais para acalmar.

Pesquisador: que são as frias.

Tata Ngunz'tala: e tem delas que são para esquentar. Tem gente que o adoecimento deixa ela apática, eu preciso trazer uma energia, uma presença que traga um tanto de excitação na vida dela, para que ela reaja. É onde eu vou buscar as folhas, os elementos da natureza, seja qual for, que me traga, que me proporcione aquilo miticamente. E tem pessoas que o adoecimento deixa elas aceleradas e aí, é onde eu preciso das folhas que vão desacelerar. Tem pessoas que o adoecimento tira a capacidade de raciocinar, de fazer um plano, de se organizar, de reagir a uma situação, e eu preciso de folhas que tragam clareza para o pensamento dela. Tem pessoas que estão no processo obsessivo, eu preciso de uma folha que tem energia de esquecimento. Faça ela esquecer aquilo, adormeça aquela parte dela que está com o processo obsessivo, repetitivo e não consegue desvincular.

Formulando um diálogo entre a epistemologia de cuidados realizados desde as folhas por um grupo bantu africano, por um candomblé bantu e por um quilombo, acredito que, pelo que Victor Turner descreve sobre o uso ritual das folhas entre os ndembo, embora o princípio terapêutico seja o mesmo, uso do calor e do frio, a forma de utilização das folhas seja diferente, pois os ndembo separam as folhas medicinais em duas tigelas e esquentam uma delas com fogo, enquanto a outra tigela se mantém fria. Nesse caso, o calor está associado à vida, e o frio à morte, ou pelo menos foi isso o que Turner, um britânico passando uma temporada com os ndembo, entendeu sobre o rito. No candomblé se compreende que a folha é quente ou fria a partir de seu ngunzu, não há uso de fogo, e como nos traz Tata Ngunz'tala, é pela vibração da folha

que se realiza a terapêutica, ou seja, as qualidades quente e fria das folhas estão associadas a excitar ou acalmar a muntuê. E pelo que apurei, de forma ainda superficial, com mestra Lucely Pio, a utilização terapêutica quilombola parece estar mais próxima ao que se realiza no candomblé, mas também é usada na cura de outras doenças, além das mentais. Pensando, no entanto, em compreender melhor a herança cultural africana no Brasil, acredito que é interessante e necessário que, futuramente, se faça um aprofundamento do diálogo entre essas epistemologias de cuidado realizado com folhas.

À pergunta que fiz, sobre o uso de folhas quentes e frias, Tata Ngunz'tala elabora um discurso que amplifica e complexifica ainda mais a compreensão sobre a terapêutica das folhas no candomblé de angola, informando outra característica da subjetividade das folhas que, em cada horário do dia ou da noite, podem apresentar efeitos diferentes dentro do sistema de cuidados.

Além disso, ele direciona sua resposta para os cuidados em saúde mental realizando um hibridismo entre termos afrorreferenciados e ocidentalizados, como, por exemplo, obsessivo, proveniente do termo médico transtorno obsessivo compulsivo. Ou psicoespiritual, um termo de uso autóctone, denotando que ele, Tata Ngunz'tala, compreende que algumas vezes a causa de desequilíbrio é um nvumbi, um espírito obsessor, ou pode ser a própria pessoa, que está usando sua força mental para se autoinflunciar negativamente. E algumas vezes essas duas formas de desequilíbrio estão presentes, e o nvumbi se aproveita da baixa vibração da pessoa, gerada por autoinfluência. Esse tipo de compreensão etiológica da doença mental não é relatado por Tobie Nathan (2001a, 2001b, 2012; Nathan, Stengers, 2012), que se especializou em pesquisar sistema terapêuticos no continente africano. E parece ser uma construção diaspórica.

Esse hibridismo está relacionado não só ao fato de que Tata Ngunz'tala habita estes dois mundos, afrorreferenciado e eurocentrado, e, portanto, conhece as duas epistemologias de cuidados, como também se deve ao exercício de seu papel como terapeuta tradicional em uma

sociedade ocidentalizada. Ele cuida de pessoas que muitas vezes chegam até ele tendo sido ou ainda sendo cuidadas por psicólogos, psicanalistas e psiquiatras, e que estão ali em busca, por seu intermédio, também do atendimento terapêutico tradicional como forma de alcançar o equilíbrio da muntuê.

Seu discurso mostra assim que o sistema terapêutico do candomblé, mantendo seus fundamentos de cuidados da muntuê com base na manipulação do ngunzu, realiza diálogos com o sistema terapêutico ocidental, absorve seus termos, compreende as demandas, se adapta e se reinventa conforme a necessidade de cada tempo, sendo essa capacidade de absorver outras culturas e perdurar uma característica dos povos bantu, que no Brasil, dentro do projeto de reconstrução civilizatório proposto pelo candomblé de angola, é representada pelo ngunzu do nkisi Njila, o senhor dos caminhos, aquele que está sempre em transformação.

Considerações finais

O estudo sério dos sistemas terapêuticos tradicionais, considerando-os, como preconizado por Tobie Nathan, técnicas eficientes de promoção de saúde mental, traz à tona a diversidade de epistemologias em que se ancoram os sistemas de cuidados em saúde. O uso das folhas nos cuidados em saúde mental, a partir da circularidade do ngunzu, faz sentido dentro da lógica que opera o maquinário social do candomblé e o seu sistema terapêutico. Um sistema que é proveniente dos ancestrais bantu e da sua sagacidade em observar que uma vez que tudo está interconectado, é possível manipular o ngunzu, a força vital presente em todos os seres, como forma de gerar equilíbrio e saúde.

Este artigo convida o leitor a refletir sobre a riqueza pluriepistêmica das formas de cuidados em saúde mental que existem no Brasil, uma riqueza preservada, porém ainda não valorizada e nem ao menos academicamente reconhecida.

Na mesma linha de reflexão proposta por Nathan, porém correlacionada ao decolonialismo, o artigo evidencia que a chegada das

universidades em território brasileiro ocorre dentro de um contexto de apagamento da herança cultural africana. Assim, após um considerável tempo de silenciamento das universidades sobre esse epistemicídio movido pelo racismo, é necessário que as nossas universidades realizem uma revisão de sua própria história e de seu papel colonialista. Em particular, essa revisão, nas faculdades de psicologia, passa pela conscientização da riqueza de diversidades de epistemes para cuidados em saúde mental existentes no Brasil, para que elas possam enfim atuar de forma territorializada e em ressonância à cultura brasileira.

Referências

- ALENCASTRO, Luiz Felipe. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ALMEIDA, Angélica A. Silva de; ODA, Ana Maria G. R.; DALGALARRONDO, Paulo. O olhar dos psiquiatras brasileiros sobre os fenômenos de transe e possessão. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 34 (sup. 1), p. 34-41, 2007. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rpc/a/rjPcHY7QXBWxfyWqBYHjyFw/?lang=pt>. Acesso em 26 mar. 2024.
- BIZERRIL, José. Dilemas classificatórios: fronteiras entre a experiência religiosa e a psicopatologia. In: FREITAS, Marta Helena de; PEREIRA, Ondina Pena (orgs.). *Vozes do silenciado: estudos nas fronteiras da filosofia, antropologia e psicologia*. Brasília: Universa, 2007, p. 129-152.
- CARVALHO, José Jorge de. Encontro de saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 79-106.
- GOMES, Laurentino. *Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares*. V. 1. Rio de Janeiro: Globo livros, 2021.

GONZÁLEZ, Fernando Luis; MITJÁNS, Albertina Martínez. *Subjetividade: teoria, epistemologia e método*. Campinas: Editora Alínea, 2017.

INGOLD, Timothy. *Une brève histoire des lignes*. Bruxelles: Zones sensibles, 2021a.

INGOLD, Timothy. *Machiavel chez les babouins: pour une anthropologie au-delà de l'humain*. Le Pré-Saint-Gervais: Asinamali, 2021b.

INGOLD, Timothy. *Faire anthropologie, archéologie, art et architecture*. Bellevaux: Éditions Dehors, 2019.

INGOLD, Timothy. *Marcher avec les dragons*. Bruxelles: Zones sensibles, 2013.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Aproximações brasileiras às filosofias africanas: caminhos desde uma ontologia ubuntu. *Prometeus*, Aracaju, n. 21, p. 231-245, dez. 2016.

NATHAN, Tobie. *Nous ne sommes pas seuls au monde: les enjeux de l'ethnopsychiatrie*. Paris: Essais, 2001a.

NATHAN, Tobie. *L'influence qui guérit*. Paris: Odile Jacob, 2001b.

NATHAN, Tobie; STENGERS, Isabelle. *Medecins et sorciers*. Paris: Les empecheurs de penser en rond/La découverte, 2012.

PARÉS, Luis Nicolau. *A formação do candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*. 2 ed. Campinas: Unicamp, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCORSOLINI-COMIN, Fábio. *O divã de alfazema: ensaio sobre a clínica etnopsicológica*. São Paulo: Ambigrama, 2023.

SILVEIRA, Renato da. *O candomblé da Barroquinha: processo de constituição do primeiro terreiro baiano de keto*. Salvador: Edições Maianga, 2006.

TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

WALLERSTEIN, Immanuel Maurice. *Las incertidumbres del saber*. Barcelona: Gedisa editorial, 2004.

WALLERSTEIN, Immanuel Maurice. *O universalismo europeu: a retórica do poder*. Trad. Maria Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2007

Recebido em: 27 de março de 2024

Aceito em: 04 de julho de 2024